

Peixes Esquecidos da Amazônia

Como a notável diversidade dos peixes de água doce é essencial para as pessoas, os rios e a floresta

Sumário executivo



Autora Principal

Fernanda Silva, The Nature Conservancy *

Gestora do projeto

Maria Laura Piñeiros, The Nature Conservancy *

Editores técnicos

Fernanda Silva, The Nature Conservancy *
Guillermo Estupiñán, Wildlife Conservation Society *
Pedro Jiménez-Prado, The Nature Conservancy *
Silvia López-Casas, Wildlife Conservation Society *
Vanessa Rodríguez Flores, Instituto del Bien Común *

Autores colaboradores

Adela Ruiz, Instituto de Investigaciones de Amazonia Peruana
Allison Aldous, The Nature Conservancy
Andrea C. Encalada, Universidad San Francisco de Quito *
Angélica María Torres-Bejarano, Universidad Nacional de Colombia
Blanca Ríos-Touma, Universidad San Francisco de Quito
Belisario Silva Carrera, Shahuaya community, Peru
Carlos Edwar de Carvalho Freitas, Universidade Federal do Amazonas
Carolina Doria, Ministério da Pesca e Aquicultura, Brasil
Cecile Brugere, The Nature Conservancy
Celine Jézéquel, AmazonFish
Daniel Crepaldi, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
Daniela Rosero-López, Universidad San Francisco de Quito *
David McGrath, Sapopema *
Edwin Agudelo, Instituto Amazónico de Investigaciones Científicas SINCHI*
Elizabeth Anderson, Florida International University *
Enrique Moya, Kichwa Zancudo Cocha Community, Ecuador
Fany Kuiru Castro, Coordinadora de las Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica
Flávia Loures, The Nature Conservancy *
Gabriela Echevarría, Universidad de la América
Guido A. Herrera-R., Cornell University
Guillermo Estupiñán, Wildlife Conservation Society *
Jansen Zuanon, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Retired)
Javier Del Aguila, Proyecto VASI
Javier Zavaleta, Instituto del Mar del Perú
Jonathan Valdiviezo-Rivera, Instituto Nacional de Biodiversidad *
Jorge Abad, Red Yaku
José Saulo Usma Oviedo, WWF-Colombia
Juan D. Bogotá-Gregory, Instituto Amazónico de Investigaciones Científicas SINCHI
Leandro Sousa, Universidade Federal do Pará
Luis Moya, Wildlife Conservation Society *
Marcelo Andrade, Universidade Federal do Pará
Mariana Montoya, Wildlife Conservation Society *
Mariana Paschoalini Frias, WWF-Brazil
Mary Pleasant, The Nature Conservancy
Mauro Ruffino, Organización del Tratado de Cooperación Amazónica
Michael Goulding, Wildlife Conservation Society (Retired)
Patricia Charvet, Universidade Federal do Ceará
Pedro Jiménez-Prado, The Nature Conservancy *
Raúl Pardo, Autoridad Nacional de Acuicultura y Pesca, Colombia
Rodrigo M. Salles, Untamed Angling
Ronaldo Barthem
Rosa Elena Ajiaco Martínez, Universidad de los Llanos
Rosa Vento, Wildlife Conservation Society*
Rubi Cahuachi, Yagua community, Peru
Sandra Bibiana Correa, Mississippi State University *
Sebastian A. Heilpern, Stanford University *
Shiteng Kang, The Nature Conservancy
Silvia Benítez, The Nature Conservancy *
Silvia López-Casas, Wildlife Conservation Society *
Simone Athayde, World Resources Institute
Sui Phang, The Nature Conservancy
Victoria Isaac, Universidade Federal do Pará
* Aliança Águas Amazônicas

Designer

Karla Vazquez

Agradecimentos

Agradecemos sinceramente a Kathy Hughes, Fernando Eresha, Rafaela Vicentini, Roberto Reis e Matthew McCartney por suas contribuições valiosas e insights fundamentais. Estendemos também um agradecimento especial a Richard Lee pelo seu apoio constante e pelas contribuições significativas a este trabalho. Reconhecemos, com gratidão, o suporte dos doadores e parceiros da TNC, cujo apoio tornou esta publicação possível.

Por favor cite como:

Silva, F., Estupiñán, G., López-Casas, S., Jiménez-Prado, P., Rodríguez, V., et al. (2026). Peixes Esquecidos da Amazônia. Como a notável diversidade dos peixes de água doce é essencial para as pessoas, os rios e a floresta. Sumário Executivo. The Nature Conservancy.

© 2026 Israel Vines / GSF



The Nature Conservancy

Instituições colaboradoras:



Instituições parceiras:



Ilustração da capa de Confucio Hernández Makuritofe, pesquisador e artista indígena do povo Muina Nipode, Amazônia colombiana. Seu trabalho integra pesquisa cultural, ilustração e conhecimentos ancestrais sobre a flora e a fauna amazônicas, contribuindo para a valorização dos saberes indígenas e para a conscientização sobre a biodiversidade.

Ilustrações de peixes: © 2026 Israel Vines. Ilustrações desenvolvidas para a Green Streams Foundation (GSF) e utilizadas nesta publicação com autorização.

Ao longo da vasta extensão da Bacia Amazônica, milhares de rios, riachos e lagos de várzea fluem em uma imensa paisagem aquática interconectada — lar de uma diversidade incomparável de peixes de água doce. Mais de 2.700 espécies foram registradas até o momento, com dezenas de outras sendo adicionadas a cada ano, à medida que a investigação científica continua.

Este relatório mergulha abaixo da superfície para revelar as histórias de vida, distribuição, diversidade, os papéis que desempenham no ecossistema, adaptações e nichos dos peixes de água doce amazônicos. Ele também explora o lugar que ocupam na sociedade humana, já que milhões de pessoas em toda a Amazônia dependem dos peixes para alimentação e subsistência, além de possuírem um lugar único no patrimônio sociocultural, nas histórias e nas identidades dos Povos Indígenas e das comunidades locais em toda a bacia.

Dois terços dos peixes de água doce da Amazônia não são encontrados em nenhum outro lugar do planeta. Esse endemismo excepcional se reflete em uma variedade deslumbrante de espécies. Alguns são gigantes: o lendário pirarucu, por exemplo, pode atingir até 3 m de comprimento e pesar 200 kg. Outros são gigantes em movimento: os grandes bagres são famosos por suas longas migrações, com a dourada conhecida por percorrer mais de 11.000 km em uma odisseia migratória entre o sopé dos Andes e o Oceano Atlântico.

A Amazônia também abriga minúsculos neon-tetras, ciclídeos-anões que parecem joias, piranhas de dentes afiados, poraquês elétricos que caçam em bandos, peixes que habitam o solo saturado sob o piso da floresta e o candiru, que suga o sangue das brânquias de seus hospedeiros. Todas essas espécies vivem no sistema aquático interligado de rios de águas brancas, pretas e claras, de florestas inundadas sazonalmente e de habitats ricamente variados.

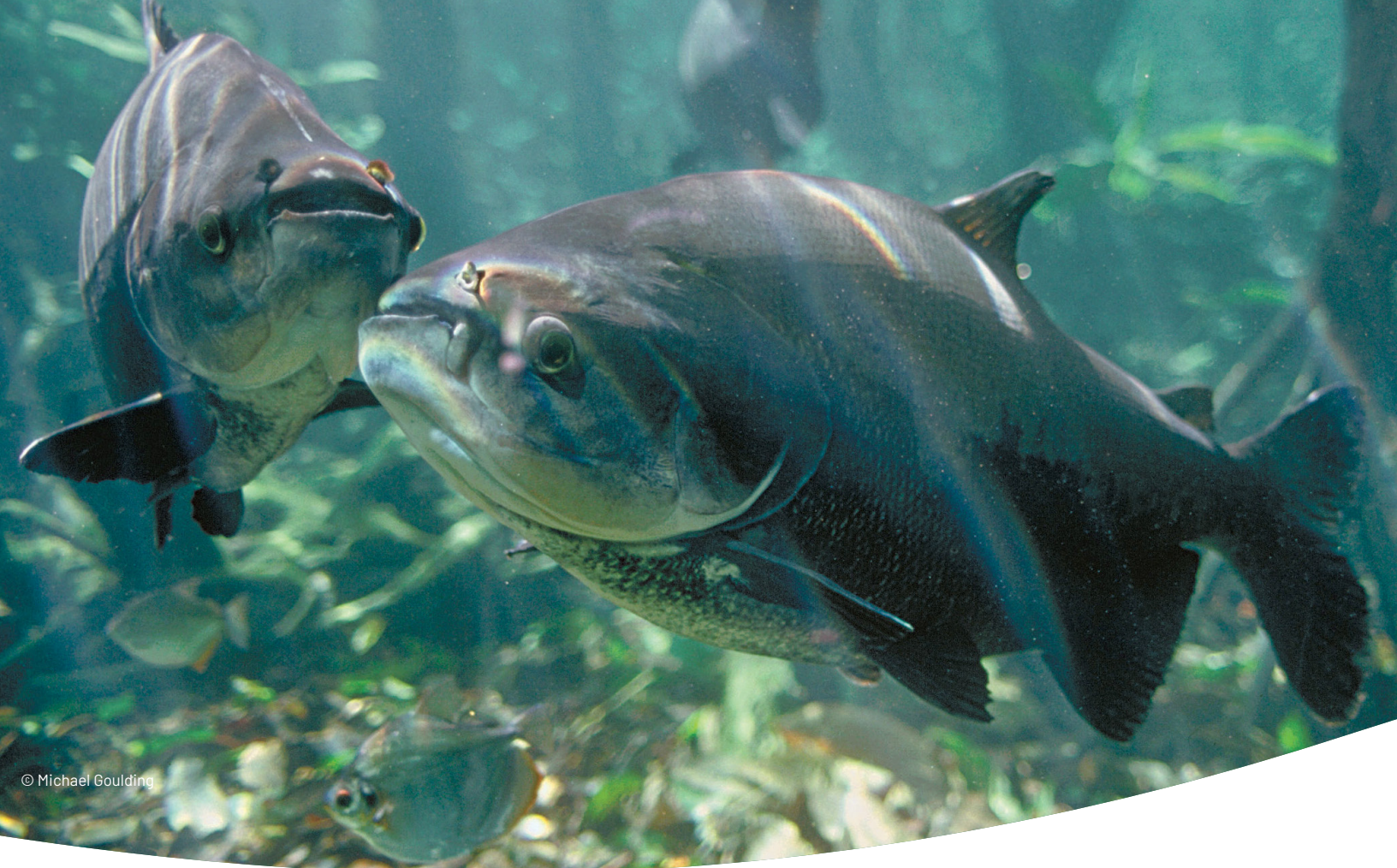
mais de

+2,700

espécies foram registradas até o momento, com dezenas de outras sendo adicionadas a cada ano, à medida que a investigação científica continua.



© Leandro Sousa



Os peixes da Bacia Amazônica são vitais para seus ecossistemas. Quando o tambaqui e muitas outras espécies migram para as florestas alagadas para se alimentar de frutos caídos, eles espalham sementes por áreas enormes, ajudando a regenerar a cobertura florestal. Outras espécies atuam como bombas móveis de nutrientes, regulando a produção primária e sustentando predadores em níveis superiores da cadeia alimentar. Além de abrigar a maior diversidade mundial de peixes, a Bacia Amazônica possui a maior riqueza global de megafauna de água doce, incluindo grandes bagres, botos e lontras gigantes, que dependem dos peixes como sua principal fonte alimentar.

Esses mesmos processos ecológicos que sustentam a biodiversidade também são a base do bem-estar humano em toda a bacia. Os peixes amazônicos são também a base alimentar, com consumo chegando a mais de 600 g por pessoa por dia em algumas comunidades ribeirinhas remotas — o equivalente a dois filés grandes por dia. Para famílias de baixa renda, em particular, os peixes estão entre os alimentos de origem animal mais acessíveis e seguros, fornecendo nutrientes essenciais

que contribuem para a saúde do sangue e sistema imunológico, o desenvolvimento do cérebro e do coração e o crescimento geral.

Em conjunto, essa extraordinária diversidade e complexidade ecológica ressaltam porque os peixes da Amazônia são importantes não apenas para a natureza, mas também para as pessoas, por meio das muitas maneiras pelas quais a pesca sustenta meios de subsistência, economias e identidades culturais em toda a Bacia Amazônica.

Os dados escassos capturam apenas parte da extensa pesca de água doce da Amazônia, uma vez que esta é sustentada em grande parte por pescadores artesanais, de pequena escala e de subsistência, cujas capturas raramente aparecem nas estatísticas. No



Os peixes amazônicos são também a base alimentar, com consumo chegando a mais de

600g

por pessoa por dia em algumas comunidades ribeirinhas remotas



© Andre Dib/TNC

entanto, mesmo as estimativas mais conservadoras mostram que pelo menos 200 espécies são capturadas comercialmente. Os pescadores utilizam uma ampla variedade de artes de pesca, projetadas para capturar espécies específicas de acordo com as condições ambientais locais. Pelo menos 15 tipos de artes estão documentados em toda a bacia, a maioria dos quais — de linhas de mão a arpões — são tradicionais e ambientalmente sustentáveis.

Dito isso, nem toda a pesca amazônica é destinada à mesa. Centenas de espécies ornamentais de cores vivas e formas únicas são capturadas vivas para exportação internacional, indo parar em aquários por todo o mundo. As espécies mais comercializadas são conhecidas por entusiastas amadores em todos os lugares, como tetras, bagres oto e aruanãs — enquanto outras espécies mais raras exigem licenças especiais para sua venda, incluindo algumas arraias de água doce. Embora o aumento dos programas de reprodução em cativeiro tenha transformado os mercados globais nas últimas décadas, o setor ainda exporta dezenas de milhões de peixes por ano e sustenta os meios de vida de milhares de famílias, por isso sua gestão sustentável continua é fundamental. Notavelmente, as mulheres são essenciais na pesca ornamental da Amazônia, envolvidas em todas as etapas da cadeia de abastecimento e desempenhando papéis muito ativos nas associações comunitárias.

A pesca esportiva também pode proporcionar uma renda valiosa para as comunidades locais, com pacotes turísticos de “pesca-e-solte” com potencial de gerar

mais receita em uma semana do que se poderia arrecadar em um ano de pesca comercial nas mesmas águas, se bem administrados. Um número cada vez maior de pescadores esportivos está visitando a Amazônia, ansiosos por colocar suas habilidades à prova contra o tucunaré, grandes bagres e outras espécies emblemáticas como troféu. Muitos dos rios bem preservados e ricos em espécies que oferecem as melhores experiências esportivas estão em regiões remotas e, frequentemente, em áreas protegidas ou territórios indígenas. Uma prioridade para os próximos anos é garantir que a expansão do setor permaneça sustentável e que as comunidades locais estejam intimamente envolvidas em sua gestão e compartilhem de forma justa seus benefícios.

Mas eis o problema: tudo o que os peixes da Amazônia proporcionam à própria região e ao mundo — benefícios para os ecossistemas de água doce, alimento e meios de subsistência, patrimônio cultural, maravilha e deleite — depende de que eles continuem a prosperar. E, há décadas, na Amazônia, a natureza está sob ataques. A União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) lista 144 peixes amazônicos em sua Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas, e outras 334 espécies estão listadas como com Dados Insuficientes. O número real provavelmente é muito maior. Lacunas geográficas e institucionais nos registros nacionais, aliadas à ausência de colaboração coordenada e transfronteiriça, geram ainda mais pontos cegos críticos, tornando a gestão sustentável muito mais difícil.

Então, por que tantas espécies estão em risco? A resposta não é surpreendente. A biodiversidade de água doce na Amazônia está cada vez mais ameaçada por vários fatores importantes, e todos eles são

resultado direto das atividades humanas. O mais óbvio é que os habitats de água doce estão sendo degradados e destruídos a um ritmo sem precedentes. Barragens, drenagens e desvios estão em ascensão na região, transformando fundamentalmente os ecossistemas de água doce ao fragmentar suas conexões e alterar os padrões de fluxo que são cruciais para o ciclo de vida, a fisiologia e o comportamento dos peixes. O desmatamento impulsionado pela agricultura, pecuária, energia hidrelétrica e infraestrutura perturba as relações recíprocas entre florestas e espécies frugívoras e, literalmente, turva as águas em que os peixes vivem, limitando a penetração da luz e obstruindo suas brânquias. A poluição proveniente de outras fontes, incluindo mineração e extração de petróleo, pode prejudicar gravemente a alimentação, o crescimento, a reprodução e a sobrevivência dos peixes, ao mesmo tempo em que libera contaminantes como o mercúrio (uma potente neurotoxina) que se movem pela cadeia alimentar e representam riscos à saúde humana.

A pesca excessiva vem aumentando desde a década de 1970, devido à falta de sistemas eficazes de gestão, monitoramento e fiscalização. Estudos regionais mostram uma redução no tamanho médio dos peixes comercializados, particularmente de espécies maiores e economicamente mais valiosas. À medida que a composição das comunidades de peixes muda, surgem oportunidades para que espécies não nativas se estabeleçam, o que perturba ainda mais os ecossistemas de água doce.

Mudanças climáticas intensificam o impacto de todas essas ameaças, com projeções até 2050 de aquecimento consistente e mudanças significativas no fluxo dos rios. Em termos gerais, à medida que o planeta se aquece, a água na Amazônia se tornará mais escassa, particularmente durante a estação seca, o que afetará de forma especialmente severa as espécies das várzeas e as comunidades que delas dependem. Espera-se que os riachos andinos sejam mais afetados, onde o aquecimento das águas poderá levar à extinção local muitas espécies endêmicas.

A situação realmente não tem solução? É certo que, diante de tantos desafios complexos, seria fácil pensar que não há muito que possamos fazer para salvar os peixes esquecidos da Bacia Amazônica. Mas já sabemos o que precisa acontecer para ajudá-los a prosperar — os países da região precisam colocar em prática os princípios do Plano Global de Recuperação Emergencial para a biodiversidade de água doce, estruturados em seis ações urgentes e coordenadas:

- 🐟 **Deixar que os rios fluam mais naturalmente.**
- 🐟 **Proteger os rios de fluxo livre.**
- 🐟 **Parar as práticas insustentáveis de exploração dos recursos.**
- 🐟 **Proteger e restaurar habitats e espécies críticos.**
- 🐟 **Prevenir e controlar invasões por espécies não nativas.**
- 🐟 **Melhorar a qualidade da água dos ecossistemas de água doce.**

Existem oportunidades únicas para adaptar e aprimorar essas ações à situação na Amazônia, onde a água, os sedimentos, os nutrientes e os peixes não respeitam fronteiras geopolíticas. A proteção dos ecossistemas de água doce e dos peixes que neles habitam exige uma mudança de paradigma, afastando-se de estratégias nacionais isoladas e rumo a um quadro unificado de colaboração e governança transfronteiriça. Isso deve estar ancorado em uma ação coletiva em escala de toda a bacia, liderada por governos que trabalhem em conjunto com a academia, o setor privado, a sociedade civil e, principalmente, com os Povos Indígenas e as comunidades locais, cujas vidas diárias estão intimamente ligadas aos ciclos naturais da região. De fato, o papel central desses atores é fundamental: o reconhecimento formal de sua gestão e de seu importante conhecimento tradicional amplia o potencial para mudanças positivas.

Em última análise, este relatório demonstra que o destino dos peixes esquecidos da Amazônia depende de nossa capacidade de ver a bacia como eles a veem: como uma entidade indivisível e fluida. Ao combinar a gestão e o conhecimento ancestrais com a ciência moderna, o engajamento global, uma governança transfronteiriça robusta e a ação coletiva, podemos garantir que a Amazônia continue sendo um sistema de água doce conectado e próspero por muito tempo no futuro.

Peixes Esquecidos da Amazônia

Saiba mais sobre os peixes esquecidos da Amazônia em
<http://nature.org/pecesolvidadosamazonia>

